



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

DA LUZ PEREIRA LUCAS

**O FEMINISMO NA FICÇÃO MACHADIANA: A REPRESENTAÇÃO
DO FEMININO NA OBRA “DOM CASMURRO”**

**GUARABIRA – PB
2017**

DA LUZ PEREIRA LUCAS

**O FEMINISMO NA FICÇÃO MACHADIANA: A REPRESENTAÇÃO
DO FEMININO NA OBRA “DOM CASMURRO”**

Artigo submetido ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Guarabira - CH, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de licenciada em Letras.

Orientadora: Professora MS. Clara Vasconcelos.

GUARABIRA – PB
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586f Silva, Maria da Luz Pereira da
O feminismo na ficção machadiana: [manuscrito] : a
representação do feminino na obra / Maria da Luz Pereira da Silva.
- 2017.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras -
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.
"Orientação: Clara Mayara de Almeida Vasconcelos,
Departamento de letras".

1. Machado de Assis. 2. Estereótipo. 3. Figura Feminina. 4.
Capitu. I. Título.

21. ed. CDD B869.3

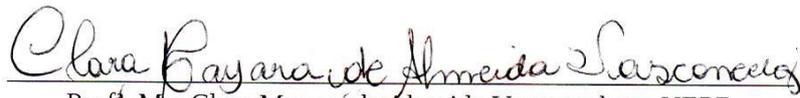
DA LUZ PEREIRA LUCAS

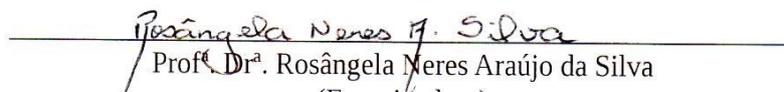
O FEMINISMO NA FICÇÃO MACHADIANA: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM
“DOM CASMURRO”

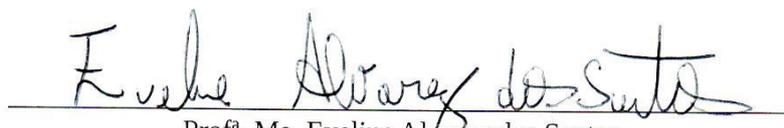
Artigo submetido ao Departamento de Letras,
habilitação em Língua Portuguesa, como requisito
parcial para a obtenção do grau de licenciada em
Letras.

Arpovado em: 01/08/17.

Banca Examinadora


Prof.^a Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos – UEPB
(Orientadora)


Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva
(Examinadora)


Prof.^a Ma. Eveline Alvarez dos Santos
(Examinadora)

Guarabira – PB,
2017

Dedico este trabalho a Deus, sobre todas as coisas, a Santa Rita de Cássia, agradeço pelo dom da vida e por iluminar os meus passos e caminhos.

A minha mainha e meu esposo, que estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis e que hoje enche meu coração de alegria pela confiança em mim depositados.

Aos meus amigos Brenda Nascimento e Daniel pessoa que tanto ajudaram-me ao longo do curso.

E por fim a todos que me ajudaram e me deram forças para chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que fazem parte do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

Em especial, a minha orientadora, professora e mentora intelectual, a Senhora Ms. Clara Vasconcelos que me auxiliou neste trabalho e que me ajudou a realizar um sonho a minha formação.

Bem como a todos os funcionários da UEPB pelos serviços prestados. A todos vocês os meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	O ROMATISMO BRASILEIRO E O REALISMO MACHADIANO.....	9
3	A MULHER NO SÉCULO XIX: UMA VISÃO SOCIAL E CULTURAL DA EPÓCA.....	13
4	<i>CAPITU</i> E O FEMININO EM DOM CASMURRO.....	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
	REFERÊNCIAS.....	22

O FEMINISMO NA FICÇÃO MACHADIANA: A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA OBRA “DOM CASMURRO”

LUCAS, Da Luz Pereira¹

RESUMO

A discussão sobre o feminismo descrito nas obras machadianas há muito permeiam o nosso mundo literário e acadêmico, já é algo bastante discutido desde algumas décadas, no Brasil, as suas questões socioculturais vêm sendo problematizadas desde o início do século XX e XXI, apesar de que as obras se passam no cenário do século XIX, em que concerne o estudo e disseminação de ideais sobre feminismo, estereótipo e a condição da mulher em nossa sociedade, se vê tão presente nas obras de Machado de Assis, que acabam por fornecer uma linguagem através de textos bem elaborados e segue um estilo culto. Este artigo tem como tema principal a análise do estereótipo feminino descrito na obra de Machado de Assis, de forma que, foi analisado um recorte da figura feminina na literatura machadiana na obra Dom Casmurro (Capitu), figura feminina enigmática, audaciosa para sua época, suspensa e tensa de sua literatura, que estará em destaque na discussão de alguns pontos relevantes incutidos na sociedade do século XIX, como a visão machista, o jogo de sedução, a figura forte e central de ambas as tramas, os encantos femininos como arma de conquista, atração e jogo de interesses, assim eram as mulheres enigmáticas machadianas, descreviam-se apenas pelo olhar, forte, audaz, hora terno, hora perspicaz. A luta pela condição de expor um novo estereótipo feminino eram marcas registradas de Machado de Assis, que define nas tramas analisadas uma rede de relações que trazem à tona o papel histórico cumprindo numa abordagem universalista em que o autor aborda atitudes humanas em sua obra com histórias que tem uma sequência linear cercando-se de egoísmo, amor, adultério, sedução, patriarcalismo, corrupção, enfim, uma trama de sentimentos e características humanas que marcam profundamente a literatura machadiana. Para tanto, usamos como suporte teórico as contribuições de BOSI (1994), BEAUVOIR (2009), CANDIDO (1995), COUTINHO (2004), COSTA (2005), CINTRA (2015) dentre outros.

Palavras-chave: Machado de Assis. Estereótipo. Figura Feminina. Capitu.

¹Graduanda em Letras- Habilitação Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

1 INTRODUÇÃO

Será que é possível trabalhar a essência da alma humana, o forte poder patriarcal da sociedade do século XIX, a figura feminina, dentre outros assuntos sem remetermos às obras de Machado de Assis? O autor sem dúvida nos deixou um acervo de inúmeras obras consagradas, como exemplo a citada neste artigo, *Dom Casmurro*. Com uma personagem feminina forte, a mesma marcou nossa literatura e nossa sociedade, inspirou autores ao passar dos anos a construir e reconstruir essa mulher no imaginário social de uma época.

Sendo assim, Machado de Assis, até hoje, continua povoando o imaginário de muitos escritores e leitores que se inspiram em suas obras, e em sua infinita veia cultural escrita em seus trabalhos. Sua escrita ultrapassou barreiras e o próprio tempo, escreveu nas entrelinhas dos seus contos a história de uma sociedade burguesa, aristocrática, patriarcal, mas que escondia os mais profundos e inerentes sentimentos da alma humana, como o autor tanto fazia em suas obras. Despertou e desperta a descoberta do novo, da linguagem com interrupções de narradores em terceira pessoa, com longas conversas com os leitores, que os intrigam, inspiram, fascinam e atraem. As obras machadianas possuem textos complexos, irônicos, sarcásticos, e que permeiam todo um contexto social em que suas histórias se passam.

Ao retratar o feminino presente nas obras de Machado de Assis, analisando a personagem *Capitu*, fez-se menção não apenas a um fenômeno feminino numa linguagem límpida e realista da época, mas foi precisamente uma descrição de uma mulher distinta, com um modo próprio de encarar seus medos e desejos, assim descreveu essa personagem, apesar de literário e realista do século XIX, em que nos atemos à figura e o estereótipo feminino descrito nas obras machadianas, que nos levaram às várias indagações sobre o mundo feminino em suas obras, inseridos no contexto histórico do século XIX em contra partida ao novo modelo de vida adotado pela mulher moderna do século XXI, bem como o atual contexto do conceito do feminino em nossa sociedade.

Com um olhar crítico de seus narradores, essencialmente masculinos,

Machado de Assis descreve muitas de suas mulheres como fontes de um enorme poder de sedução, figuras de personalidade forte, algumas vezes ardis e traiçoeiras, mas analisa numa perspectiva atitudinal da personagem, como também o motivo que a levou a ter tal atitude em cada situação analisada. Machado faz críticas aos costumes sociais do século XIX em suas narrativas, em que podemos destacar a mulher como centro de sua perspectiva, ora fantasiosa, ora realista, de escrever sua própria história, sua função em meio social, que destacam, no emaranhado literário e histórico, características em ambas as obras analisadas tais como a melancolia, a ironia, a linguagem culta, o caráter sedutor, personagens enigmáticas, patriarcalismo, mesmo com o apelo aos traços fortes da personagem, Capitu, como a protagonista de sua obra.

Assim, na literatura machadiana, pretende-se tornar visível a significância do papel feminino que, por sua vez, foi e, sem dúvida, é um dos maiores desafios propostos neste artigo, visando compreender as obras de Machado de Assis, não apenas como narrativas compostas de ironia, sarcasmos ou sedução, mas também, como compreensão de suas interrogações, negativismo, situações sombrias, o carisma e a sedução de seus personagens e, acima de tudo, uma narrativa rica em oralidade e precisão, com métricas fantásticas e inteirado pelo realismo propriamente dito.

Para poder compreender a representação do feminino por meio de Capitu como um exemplo de resistência ao contrário do comportamento submisso da mulher característico do século XIX, contextualizaremos o comportamento da mulher nesse período para que vejamos em Capitu como ela se constrói na narrativa de forma diferente ao estereótipo feminino do período que era marcado pelo patriarcalismo. Para tanto, o desenvolvimento deste trabalho está dividido em: “O Romantismo brasileiro e o Realismo machadiano”, que apresenta ao leitor uma breve contextualização sobre Machado de Assis e a sua obra; em “A mulher no século XIX: uma visão social e cultural da época”, iniciamos uma breve contextualização da mulher na obra machadiana para que introduzamos em seguida a compreensão da situação da mulher no século XIX para que, no tópico seguinte, possamos compreender como Capitu foge dos rótulos de mulher submissa que eram característicos do período; no tópico “*Capitu* e o feminino em dom casmurro”, analisamos

como Capitu mostra o seu papel de resistência ao não ser submissa ao homem em uma sociedade em que a mulher sempre é colocada como inferior por causa do sistema patriarcal.

2 O ROMANTISMO BRASILEIRO E O REALISMO MACHADIANO

Falar em Machado de Assis é falar em um escritor que pensou além de sua época, que escreveu em linhas estórias com personagens fortes, marcantes, que perpassou por dois caminhos distintos de nossa literatura, do Romantismo ao Realismo, sempre traçando pontes importantes e marcantes em sua trajetória literária.

Assim, embora tivesse cultivado todos os gêneros literários, Machado de Assis destacou-se com suas obras ficcionais, romances românticos, com estórias de amores não correspondidos, mal compreendidos, impossíveis, bem como contos que intrigavam o leitor e ressaltavam expressões e sentimentos do cotidiano humano, consagrados em nossa literatura. Guiando-se pela estética também realista, Machado não se deixou levar pelos excessos e desmandos cientificistas, criando em sua plenitude literária obras originais, peculiares, que marcavam sua passagem pelo realismo com um estilo próprio e universal.

O conjunto de sua obra, como bem se destacou, dividiu-se por dois grupos, o primeiro, mesclado por seus romances românticos, o segundo, por trabalhos de caráter realista, fortes, plausíveis, com sua marca machadiana de ser (CANDIDO, 1995).

Dessa maneira, podemos compreender a vida de machado de Assis em duas fases da história Brasileira. Entende-se, nesse primeiro momento, que o nacionalismo romântico que impulsionava o período romântico de muitos autores, que coincidira com a independência política do Brasil, encontrara sua expressão na exaltação da natureza local e de seus primeiros habitantes, que foram temas centrais dos literatos brasileiros pertencentes ao romantismo.

Desse modo, o romantismo brasileiro foi por isso tributário do nacionalismo; embora nem todas as manifestações concretas se enquadrassem nele, ele foi o espírito direcionador que animava a atitude geral da literatura. Nem é de espantar que assim fosse, pois sem falar na busca das

tradições nacionais e o culto da história, o que se chamou em toda a Europa “despertar das nacionalidades”, em seguida a empuxe napoleônica, encontrou expressão no romantismo (CANDIDO, 1975, p. 15)

Assim, pode-se afirmar que no Brasil a independência política desperta nos intelectuais a necessidade de afirmação da existência de uma literatura nacional, que será discutida intensamente no conhecido ensaio de Machado de Assis, nesse ensaio, escrito em 1873, “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade”, em que Machado de Assis demonstrou que não compactuava nem com a atitude nacionalista estreita, nem com o repúdio total a suas manifestações. Ele via, nessa atitude, determinadas qualidades que deviam ser menosprezadas, principalmente, determinados defeitos que seriam necessários combater, ou seja, Machado recusa os excessos. No entanto, não renega a temática nacional, apenas recusa a obrigatoriedade de adotá-la e se reserva ao direito de falar de outras coisas.

De forma que, para Machado o que interessava era mostrar que o ‘instinto de nacionalidade’ não constitui missão ou obrigatoriedade para os escritores, é apenas o “primeiro traço” da literatura brasileira no estado em que se encontra, ou seja, é apenas uma tendência literária entre outras possíveis que nada torna verdadeiramente mais importante ou mais legítima que qualquer outra (BAPTISTA, 2003. p. 63)

Desse modo, apesar de Machado de Assis afirmar que o nacionalismo é necessário para a formação de tradições nacionais que possam ser, num segundo momento, inseridas num contexto universal, ele deixa explícito e claro, no seu ensaio, sua preferência pela abordagem universal dos temas literários. Ou, pelo menos, pela valorização dos temas nacionais, mas não pela obrigatoriedade de tomá-los como única alternativa para a produção literária.

Entretanto, o aspecto crucial que chama atenção no ensaio de Machado de Assis é o propagado conceito feminino trabalhado incessantemente em suas obras. Enquanto o feminino é tratado de acordo com a sociedade patriarcal, elitista, expondo a condição da mulher, com sensualidade feminina de forma simples, encantadora, marcante em suas obras, Machado de Assis desmistifica esse conceito, tratando-o como uma funesta ilusão, pois, segundo, o escritor um poeta ao cantar o nome das flores e das aves pode, no máximo, conseguir uma nacionalidade de vocabulário, ficando muito distante de uma

busca por uma identidade do feminino deixadas para que o leitor se envolva e faça as suas próprias conclusões.

Um poeta não é apenas romântico, apenas nacional, ou realista por completo, é uma junção de sentimentos e a contraposição que só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, de expor mulheres e suas situações familiares, de expor a sociedade burguesa e patriarcal do século XIX, o que pode dar um vocabulário próprio. Assim, Machado ia tecendo sua vida literária acrescentando vida e experiências a sua obra.

Além disso, há outro aspecto, no texto de Machado, que chama atenção e suscita muitas discussões: a distinção entre instinto da nacionalidade e o sentimento de nacionalidade. O instinto, para Machado, é o resultado de uma busca pelas raízes nacionais sem critérios racionais, de uma crítica literária que deveria ser, mas não era especializada e atualizada. Já o sentimento, de acordo com o escritor, é algo intrínseco aos habitantes de cada nação, não sendo preciso um esforço exagerado em busca de uma cor local, pois os fatores que identificam um escritor a um determinado território não são especificamente as cores ou as paisagens:

O 'instinto' da nacionalidade é aquele afã primeiro e superficial de ser ostensivamente brasileiro, que ele atribui a uma 'opinião mal formada ainda' e à falta, no Brasil, de uma crítica literária 'ampla' e 'elevada'. O 'sentimento' de nacionalidade, pelo contrário, é a vivência da mesma como inerente ao indivíduo de determinada terra e que ele não necessita cultivar como escritor (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 85).

Portanto, as primeiras reflexões brasileiras, assim como em grande parte da América Latina, acerca da identidade nacional, no século XIX, se revelaram a partir da relação com a Europa. Pode-se afirmar, assim, neste primeiro momento, regido pelo romantismo literário, que a questão da nacionalidade permanece sem uma solução definitiva, haja vista que "Excluir o elemento europeu seria eliminar um 'corpo estranho' que é parte constitutiva de nós mesmos" (PERRONE-MOISÉS, 2007, p. 90), ou seja, a tradição literária brasileira, no período do romantismo literário, se concentrou no eterno dilema, que consiste em apropriar-se da tradição europeia e, ao mesmo tempo, consolidar uma tradição nacional incipiente, mas independente.

No entanto, já no fim do século XIX, no Brasil, é possível observar novas discussões no que se referem à propagada questão da identidade realista no universo literário no Brasil. Para isso, Machado acabou por dar um salto de qualidade em suas obras, mais concretas. Em seu primeiro romance realista, o autor se propôs a escrita de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no ano de 1881, na qual apresenta uma narrativa absolutamente inovadora, bem longe de uma importante revisão crítica e absoluta do Romantismo literário (CANDIDO, 1995).

O que mais nos chama atenção na história de Machado de Assis é questão da sua intimidade com o imaginário social e feminino, que será o universo que iremos analisar em *Dom Casmurro* com sua personagem Capitu.

Logo, a mulher integrou uma participação expressiva no ideário masculino o qual a pusera em cena em distintas situações, quadros, atitudes, costumes, considerando que, ao passar do tempo, ela assume uma multiplicidade de identidades conflitantes e valores, bem como a forte presença da sua voz, fazendo a sua construção estabelecer a condição feminina não com tanta passividade, como é o caso de Capitu, personagem de *Dom Casmurro*, criação de Machado de Assis, diferenciada das personagens anteriores exatamente pela autonomia e articulação que lhe confere direitos não tão diferentes do homem e que contrasta com os ideais femininos dos padrões clássicos. Em relação a esta afirmação, Costa (2005) comenta:

Com essas diferenças entre as personagens – de um lado o romantismo idealizado com fraca verossimilhança psicológica das heroínas, devido à própria concepção romanesca, as personagens femininas machadianas [...] apresentam [...] um significado preciso na história do romance brasileiro, alargando as perspectivas do romance, especialmente, urbano, com novas aberturas para o romance psicológico [...]. (COSTA, 2005, p.32)

Esta época traz uma nova roupagem ao discurso feminino, pois temos, a partir dessa nova visão, uma desconstrução dos arquétipos românticos. Opondo-se às personagens femininas criadas nos estilos anteriores, a atitude da mulher, nesse contexto, é de não submissa, o que a torna capaz de manifestar reação contra o que a desagrada, contraria, revelando novos traços na psicologia feminina.

Por fim, podemos dizer que a vivência revolucionária e a transformação da percepção do mundo e da vida proporcionam à mulher da pós-modernidade a apropriação da tradição da literatura e da realidade para criar a sua linguagem também pela ótica feminina.

3 A MULHER NO SÉCULO XIX: UMA VISÃO SOCIAL E CULTURAL DA EPÓCA

O mundo sempre pertenceu aos machos. (...). Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p.99).

Apesar das debilidades ainda da mulher enquanto ser social e com força suficiente para enfrentar o mundo e encenar novos capítulos, tanto no social, quanto no pessoal, as mulheres brasileiras do século XIX do ponto de vista do olhar Machadiano, configuram uma nova figura feminina, que estava em processo de maior liberdade pessoal, mas não sem encarar dificuldades e julgamentos, pois elas começavam a escolher seus caminhos, timidamente, ainda gerando grandes repercussões quando as preferências não satisfaziam às expectativas da família e o que a sociedade, especialmente a burguesa, extremamente patriarcal, esperavam de suas escolhas, ainda que direcionadas, porém, já configurava uma grande vitória as possíveis escolhas.

Nesse ponto de vista, segundo Machado de Assis, a mulher estava descrita em sua literatura em um momento histórico de muitas mudanças, onde a luz do conhecimento e da tecnologia vinha chegando e abarcando todos os meios sociais. Machado fala sobre o mundo feminino e a repercussão de suas conquistas na sociedade, destacando o seu comportamento, suas influências, a essência da psique humana.

De forma que, a mulher analisada nesse momento seria uma mulher de criação patriarcal, burguesa, habitual frequentadora das rodas sociais do Rio de Janeiro, dotada de inteligência, inserida num contexto social recatado,

porém que sabia ler, escrever, e vislumbrava, através da literatura, uma repercussão de algumas dessas mudanças sociais e culturais citadas através do viés literário dos autores românticos e realistas da época. Ou como descreve as autoras abaixo:

O projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro contribuiu para esse estereótipo. Ele propagava que a capital federal, na época, deveria se parecer com as francesas. O ideal de uma cidade perfeita efetivava-se também com a determinação de como as mulheres deveriam se portar imitando os modelos europeus. Nesse novo padrão estava posto que elas não deveriam andar desacompanhadas pelas ruas e que deveriam casar-se muito cedo para adquirir experiência matrimonial, no entanto, esse marido era escolhido por seu pai de acordo com os seus interesses financeiros (SANTOS; SACRAMENTO, 2011, p. 02).

Na obra de Machado de Assis podemos observar a sociedade brasileira marcada por profundas mudanças no diz respeito a sociedade do século XIX. A cultura, a literatura, as formas de economia, os espaços urbano e rural e as relações interpessoais foram se moldando e apresentando novas configurações que culminaram no resultado que vemos hoje, sendo já uma preocupação do autor, mostrar a sociedade como ela era, como realmente os personagens da ficção se confundiam, ou melhor, se assemelhavam entre suas características, seus comportamentos.

O comportamento feminino no século XIX difere do masculino, pois estes possuem papéis distintos dentro da sociedade e da própria cultura. A manutenção do estereótipo do homem como o chefe da família era influenciado de sobremodo pelos dogmas da igreja, os quais afirmavam que as mulheres eram feitas somente para procriar, ser carinhosa e uma excelente dona de casa. A percepção quanto à padronização da mulher 'ideal' e como essas devem se comportar participa dos discursos sobre gênero como práticas sociais, onde o saber e o poder se entrecruzam, configurando categorias sociais a serem divulgadas por instituições e subjetividades apropriadas e emitidas pelos sujeitos históricos (SANTOS; SACRAMENTO, 2011, p. 02).

Falar em século XIX e não nos reportarmos à situação da mulher dessa época seria uma falha, culturalmente e socialmente falando, absurda em, como, se analisarmos essa situação em meio aos escritos literários dos autores da época estaremos entrando num mundo de significados e signos importantes para essa figura social, que iniciou o processo de conquista do seu espaço

feminino no Brasil e no mundo.

As mulheres, no contexto literário para Machado de Assis, marcavam a sociedade com versos e prosa, expressando os aspectos da vida num determinando momento histórico, revelando as necessidades sociais e culturais de uma época, de sua sociedade e, assim, marcando profundamente a vida de personagens femininas nesse universo literário.

A figura da mulher recatada, do lar, obediente, que direcionava sua vida a cuidar do esposo, dos filhos e da casa, mudava gradativamente. A mulher ganhava espaços sociais e culturais. Machado de Assis e a mulher revelavam nas linhas da literatura as transformações do século XIX vivenciadas na vida pública e na privada, como descreve a autora a seguir:

As transformações do século XIX foram vivenciadas na vida pública e na privada. Acontecimentos significativos se iniciaram nessa época com as grandes mudanças nos espaços demográficos das cidades, em especial no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época. As cidades deixaram de ser essencialmente rurais, houve a consolidação do capitalismo, a mudança do regime monárquico para o republicano e a abolição da escravatura. As famílias também passaram por uma reorganização interna com redefinições de papéis e valores. Naturalmente, essas conquistas também modificaram o indivíduo na sua forma de pensar o amor, o casamento, o trabalho e os valores sociais (CINTRA, 2015, p. 02).

Como bem o texto descreve acima, o universo da mulher agora era outro, não mais se restringia apenas ao lar e aos afazeres domésticos. A mulher passava a conquistar o campo social, com efetiva participação nos novos ares sociais da época. O comportamento feminino agora era outro, surgiu como um divisor de águas, afirmando que a mulher era um ser dotado de inteligência e capacidade intelectual.

Apesar de tantas mudanças, a mulher ainda sofria forte influência das esferas religiosas, que difundiam doutrinas que espelhavam a sexualidade da mulher como blasfêmia, como imoral, colocando a mulher que buscava uma nova forma de vida, saindo daquela predeterminada seguindo criada pelos pais, sujeita a julgo patriarcal, casando-se com o escolhido pelos pais, virgem recatada, educada, obediente, serva do marido, destinada a procriar e criar os filhos, sendo uma exemplar dona de casa e religiosamente temente aos preceitos divinos difundidos pela igreja. Essa, sim, era a figura feminina

defendida pelos mais rigorosos membros da sociedade burguesa patriarcal e pela igreja católica. Segundo as autoras abaixo podemos melhor vislumbrar esta situação:

A igreja católica era quem exercia forte pressão sobre a sexualidade feminina com o argumento de que o homem era superior, pois ele representava Cristo no lar já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser sempre controlada. Assim como Eva, toda mulher dispunha de um estigma para transgressão já que era um ser imperfeito, além disso, contava tudo o que se passava para suas amigas, tudo o que aprendiam através da arte da má associação entre feitiçaria e sexualidade, os feitiços feitos pelas bruxas eram úteis, sobretudo no campo afetivo. A mulher carregava o peso de sua sexualidade por isso, deveria ser vigiada de perto só saindo de casa para batizar, casar e para ser enterrada. Era pouco capaz de sustentar uma conversa devido à reclusão em que vivia, expressando através de risos desajeitados e de suas reações tímidas sua ignorância e inexperiência no trato social. Esse era o comportamento de moças respeitadas e recatadas. (SANTOS; SACRAMENTO, 2011, p. 03).

Assim, podemos concluir que apesar da sua história de submissão e inferiorização, da sua castração pela família e pela igreja, pelos grilhões que a prenderam por séculos e ainda em algumas configurações sociais que aprisionaram mulheres todos os dias, a mulher do século XIX venceu barreiras através dos sentimentos, do seu posicionamento enquanto ser pensante e produtor e reproduzidor cultural e social.

As transformações nos espaços urbanos e rurais no século XIX culminaram numa evolução do comportamento e sentimento da sociedade. Os conceitos do amor, respeito, inteligência e sexualidade mudaram e ganharam vez nos lares de todo o mundo. Por conta disso, o amor romântico delineado nas entrelinhas dos românticos da época foram tão importantes para prescrever as regras comportamentais dessa sociedade que aceitava o feminino como decorrência desses modernos conceitos. Pois, como descrevem Santos e Sacramento, “[...] constatamos que a mulher deixou de ser um sujeito passivo na sociedade e passou a ser um agente ativo, defensora de ações e argumentos em defesa de sua nova postura” (SANTOS; SACRAMENTO, 2011, p. 09).

4 *CAPITU* E O FEMININO EM *DOM CASMURRO*

O que falar da mulher do século XIX? Bem, ao começar com esta indagação nos deparamos com uma questão muito debatida ao longo dos anos sobre o estereótipo feminino em nossa sociedade. Falar da mulher do século XIX nos remete a uma questão social e cultural, que perpassa por muitos paradigmas e dilemas que impulsionaram a situação da mulher atualmente.

A quebra dos paradigmas sociais que acabou por incentivar desde a sociedade a cultura e a literatura, com uma visão romântica criada nas obras do Período do Romantismo foi sendo substituído por uma nova visão do ser humano, uma nova forma de ver e rever os conceitos

Sendo assim, a mulher do século XIX, mais precisamente as descritas nas obras de Machado de Assis assumem posturas diferentes em nossa sociedade sempre machista, patriarcal, com uma cultura que a subjugou, a marcou como ser frágil, indefeso, sensível, incapaz, bem diferente do estereótipo descrito por Machado em sua obra “Dom Casmurro” uma personagem feminina de personalidade absolutamente diferenciada, que desempenhou em sua narrativa um papel de personagem dotada de beleza, inteligência, sensibilidade, coragem, sensualidade, desfaçatez, entre outras características que marcam o discurso feminino de *Capitu* na Literatura Brasileira.

Como vê, *Capitu*, aos quatorze anos, tinha já idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois; mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos (ASSIS, p. 19, Cap. XVIII).

Numa sociedade patriarcal, onde os homens detinham o poder de suas famílias, bem como de suas mulheres, ditando regras de comportamento e condutas, seguidos por modelos culturais e religiosos importantes que moldavam as regras sociais da época, fazendo da mulher figura, subjugada e sem expressão, ligada à família e à maternidade.

Neste sentido, o que podemos destacar na obra machadiana, em especial a figura feminina de *Capitu*, é uma mulher de perfil singular cujas

características singulares delineiam uma personagem de beleza reluzente, interessante, dissimulada, oblíqua, energética, misteriosa enfim, características muito diferentes do modo de vida da mulher do século XIX que deveria ser recatada e do lar, dotada apenas de encantos femininos, saber bordar, cozinhar, cuidar dos filhos e do marido.

Capitu era “uma personalidade forte de uma mulher inteligente e insubmissa ao tradicionalismo do esposo” (COSTA, 2005). Como bem se destaca na passagem a seguir:

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, "olhos de cigana oblíqua e dissimulada." Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que [...] Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (ASSIS, p. 32, Cap. XXXII).

Capitu, era uma mulher além do seu tempo, como a própria literatura e os escritos devem ser, a personagem de Machado foi e é um ícone de sua época, indagou a sua postura na obra como um verdadeiro enigma tal qual a sua verdadeira imagem.

Em vez de ir ao espelho, que pensais que fez Capitu? Não vos esqueçais que estava sentada, de costas para mim. Capitu derreou a cabeça, a tal ponto que me foi preciso acudir com as mãos e ampará-la; o espaldar da cadeira era baixo. Inclinei-me depois sobre ela, rosto a rosto, mas trocados, os olhos de uma na linha da boca do outro. Pedi-lhe que levantasse a cabeça, podia ficar tonta, machucar o pescoço. Cheguei a dizer-lhe que

estava feia; mas nem esta razão a moveu.

— Levanta, Capitu!

Não quis, não levantou a cabeça, e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu desci os meus, e... Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. Preso, atordoado, não achava gesto nem ímpeto que me descolasse da parede e me atirasse a ela com mil palavras cálidas e mimosas... Não mofes dos meus quinze anos, leitor precoce. Com dezessete, Des Grieux (e mais era Des Grieux) não pensava ainda na diferença dos sexos (ASSIS, p. 33, Cap. XXXIII).

Com esse contexto de mistério e fulgor a personagem feminina de Machado não se coloca em lugar de coitada ou aprisionada as regras de uma sociedade patriarcal e elitista, seu lugar ultrapassava os parâmetros sociais, conseguindo causar atração dos homens onde passava, protagonizando uma das maiores dúvidas da literatura brasileira, “traiu ou não Bentinho?”

A condição do feminino do século XIX não admitia tal postura social da mulher, mesmo assim, esta foi a mulher que Machado de Assis resolveu nos apresentar.

A representação feminina dentro dos contextos citados é tida pela submissão e passividade (século XIX), mesmo assim, as lutas das mulheres incluem a busca da afirmação profissional e lutas por uma educação de qualidade, de uma formação, que a colocasse em patamar de igualdade na sociedade com os homens, mas a expectativa da época as deixava num patamar inferior, sem atuações significativas na vida social, educacional, cultural, econômica e muito menos política.

Sua situação social se resumia às demonstrações de fé, nas missas dominicais, de caridade, nas reuniões beneficentes, e de boa anfitriã [...] Sem direito a voto ou participação política, sobrava à mulher o papel de mãe e educadora [...] (LUCENA, 2003, p. 41).

Nas sombras de um exacerbado cunho patriarcal, as mulheres do século XIX, tinham na família a sua fortaleza e que as condicionava a um modelo consagrado de submissão, que vivia confinada à esfera doméstica, regido de preceitos religiosos e culturalmente e politicamente incapaz de tomar qualquer tipo de decisão.

Além disso, com evidência no patriarcalismo, a família era o modelo consagrado que desempenhava todos os papéis em nossa sociedade.

Assim, a mulher tinha um horizonte reduzido, porém, o modelo feminino do século XIX é importante que reconheça a construção da identidade da mulher que conquistou a base de muita luta o reconhecimento como cidadã, vencendo as desigualdades sociais e financeiras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posteriormente às leituras e respectivas análises sobre a construção do feminino na personagem Capitu, da obra Dom Casmurro, de Machado de Assis, entendemos que esta figura mostra inicialmente a condição marginal em que vive, por ser uma pessoa fora dos padrões sociais que a época exigia, mas, com uma personalidade intrigante e peculiar com uma participação ativa na sociedade.

Foi possível constatar, ainda, que Capitu, era e é, uma mulher de perfil singular cujos caracteres delineiam uma personagem graciosa, linda, cheia de encantos, sensual, fugaz, com atributos femininos interessantes e que sabia se fazer deles para conseguir o que quer, desmontando todos os parâmetros sociais do século XIX.

Esta figura feminina, portanto, apresenta uma personalidade absolutamente diferenciada dos papéis desempenhados pela mulher do século XIX, uma vez que, Capitu apresentava dotes de beleza, audácia, inteligência, sensualidade, entusiasmo, entre outras características que não representavam a mulher deste século, mas, acabaram por marcar o discurso da quebra dos paradigmas que a mulher passou a exercer para fixar-se na sociedade brasileira até hoje.

O feminino na Literatura Brasileira foi um marco importante nesta transição e que deixou um legado importante, tanto para a sociedade quanto para a cultura.

ABSTRACT

The discussion about feminism described in Machado's works has long permeated our literary and academic world, it has already been a subject much discussed for some decades in Brazil, since its methodological questions have been problematized since the beginning of the XX century and XXI, although that works take place in the nineteenth century scenario, where the study and dissemination of ideals on feminism, stereotype and the condition of women in our society, is so present in the works of Machado de Assis that they end up providing a language through well-written texts and follows a cultured style. This article has as main theme the analysis of the female stereotype described in the work of Machado de Assis, so that a cut of the female figure in Machado literature in the works *Dom Casmurro* (*Capitu*) was analyzed, female figures enigmatic, audacious for their time, suspended and tense of their literature, which will be highlighted in the discussion of some relevant points instilled in nineteenth-century society, such as the macho vision, the seduction game, the strong and central figure of both plots, feminine charms as a weapon of conquest, attraction and game of interests, so were the enigmatic Machado women, were described only by the look, strong, bold, tender hour, insightful hour. The struggle for the condition of exposing a new female stereotype were trademarks of Machado de Assis, who defines in the analyzed plots a network of relationships that bring to the fore the historical role, fulfilling in a universalist approach in which the author approaches human attitudes in his work with histories which has a linear sequence surrounded by selfishness, love, adultery, seduction, patriarchalism, corruption, in short, a web of human feelings and characteristics that deeply mark Machadoian literature. For that, we use as theoretical support the contributions of BOSI (1994), BEAUVOIR (2009), CANDIDO (1995), COUTINHO (2004), COSTA (2005), CINTRA (2015) among others.

Keywords: Machado de Assis. Capitu. Female figure. Stereotype.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alexandre. OLIVEIRA, Leticia Fagundes de. **Conexão com a história. Volume 2 - Da Colonização da América ao Século XIX.** São Paulo: Editora Moderna. 1ª edição, 2010.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro.** São Paulo: Klick Editora São Paulo, 1998.

ASSIS, Machado de. **Helena.** Texto-fonte: Obra Completa, de Machado de Assis, vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Publicado originalmente em folhetins, a partir de 06/08/1876, em O Globo.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo: Cultrix, 1994.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo.** Tradução Sergio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis.** In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades - SP. 1995.

COUTINHO, Afrânio. **Machado de Assis.** In: *A literatura no Brasil.* São Paulo: Global editora, 2004.

COSTA, M. E. **O mito feminino: de Marília á Capitu.** João Pessoa (PB): UFPB, 2005, Tese Doutorado.

CINTRA, Lilian Garcia de Paula. **A mulher brasileira no século XIX: Um olhar Machadiano.** Outubro, 2015. Disponível em: <https://psicologado.com/abordagens/psicologia-analitica/a-mulher-brasileira-do-seculo-xix-um-olhar-machadiano> Acessado em: 20 de abril de 2017.

D'INCARO, Maria Ângela. **Mulheres e Família Burguesa.** In: ENGEL, Magali G. **Imagens Femininas em romances naturalistas brasileiros.** Rio de Janeiro: Xenon editora.

GARCIA, Allysson F. **Histórias das mulheres no século XIX.** April, 2012. Disponível em: <http://historiacepae.blogspot.com.br/2012/04/historias-das-mulheres-no-seculo-xix.html> Acessado em: 25 de abril de 2017.

LUCENA, M. I. G. (organizadora). **Representações do feminino.** Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.

MOISÉS, Massaud. **Machado de Assis: ficção e utopia.** São Paulo: Cultrix, 2001.

PROENÇA FILHO, Domício. **Depoimento sobre Machado de Assis.**

Disponível em: <http://www.machadodeassis.org.br/2005/academica13.htm>.
Acesso em: 14/12/2016 12:30 hrs.

RANGEL, Maria Lúcia Silveira. **As personagens femininas na obra de Machado de Assis.** Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/matéria.asp?co=literatura>. Acesso em: 14/11/2016 19:30 hrs.

SANTOS, Ramaiane Costa. SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. **O Antes, o Depois e as Principais Conquistas Femininas.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 - Edição 1, Cidade Universitária, São Paulo, Setembro-Novembro, 2011. Disponível em: Acessado em: anagrama@usp.br Acessado em: 12 de abril de 2017.